

Juros voltarão a ser pagos

Nova Iorque — O Brasil encontrou um ambiente favorável nas suas conversações com funcionários e banqueiros em Nova Iorque e Washington e pensa em retomar os pagamentos dos juros da dívida o mais cedo possível, afirmou o presidente do Banco Central, Francisco Gros.

Ele informou que as negociações com os bancos serão retomadas em maio e que nos próximos dias uma missão do Banco Mundial irá ao Brasil para começar a estudar os projetos e planos econômicos.

Gros conversou com jornalistas depois de uma reunião com o comitê de assessoramento dos bancos credores, na qual entregou aos banqueiros um folheto intitulado "o financiamento do desenvolvimento econômico no período 1987-1991". Neste documento segundo explicou, estão fixadas as necessidades do país nos próximos cinco anos, combinando o pagamento da dívida com o crescimento econômico.

Além disso, solicitou aos banqueiros que prorroguem os vencimentos do próximo dia 15 que totalizam 9 bilhões 600 milhões de dólares. "Esse é um passo normal dentro das negociações" comentou.

Sobre o folheto, um banqueiro que pediu para não ser identificado observou que "contém apenas uma exposição de metas, já expostas no Brasil e, na realidade, não é um plano econômico".

Gros afirmou que nos jornais tem surgido uma série de artigos que não

refletem a realidade. "Os artigos citam altos funcionários dos Estados Unidos dizendo isso e aquilo do Brasil, porém estivemos discutindo com eles nesses dias e o tom foi muito positivo".

Lembrou que "passou a data crítica de 30 de março (quando venciam os empréstimos de curto e médio prazo) e não foi o fim do mundo, a vida continua. O país não acabou".

Sobre as reuniões do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial, disse que foram feitos vários discursos "que marcam um novo enfoque do problema da dívida" e o próprio diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, falou sobre a "necessidade de crescimento econômico". Não só pelos devedores, mas também pelos grandes credores.

Indagado sobre os 20 bilhões de dólares que o ministro da Fazenda Dilson Funaro, disse que o Brasil precisará nos próximos cinco anos, Gros explicou que não está querendo que os bancos "aumentem sua exposição Brasil. Eles querem reduzi-la", e acrescentou: "Estamos buscando novas fontes de financiamento, um aumento do papel do Banco Mundial, do Eximbank, dos organismos multilaterais e a transformação da dívida em investimentos. Também desejamos que se aumentem os investimentos diretos no Brasil".

"Além disso", prosseguiu, "estamos necessitando de uma redução no custo do dinheiro, e pagando mais de dois por cento sobre a libor".